

EFICIÊNCIA DO SISTEMA DEFENSIVO DAS QUATRO PRIMEIRAS COLOCADAS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL - 2010: QUANTIFICAÇÃO DOS ATLETAS PRESENTES NOS SETORES DE RECUPERAÇÃO DA POSSE DE BOLALucas dos Santos Villela¹**RESUMO**

O processo defensivo no futebol é fundamentalmente diminuir os espaços com o máximo de atletas possíveis próximos a bola, entendendo este fato, o estudo teve como objetivo quantificar o número de atletas presentes no setor anterior ao da recuperação da bola e no setor onde ocorreu a recuperação. Foram estudados os princípios e conceitos de marcações, tendo sido adotado para quantificar as ações uma divisão com 12 setores: Defesa, Intermediária Defensiva, Intermediária Ofensiva, Ataque (Esquerda, Centro, Direita). Os resultados apontaram a Espanha efetuando os desarmes com no mínimo três atletas (68%) dentro do setor, enquanto a Holanda teve índices muito próximos entre dois (29.9%), três (26.7%) e quatro (27.8%) atletas, a Alemanha recuperou 65% das ocasiões com três e quatro atletas no setor e o Uruguai obteve maior parte das ações de desarme com dois (33.3%) e três (30.2%) jogadores. Em relação ao setor anterior ao desarme, Espanha (33.7%) e Alemanha (37%) tiveram maior ação com três atletas, já Holanda e Uruguai mantiveram o padrão anterior, Holanda com a proximidade entre dois (29.7%), três (29.7%) e quatro (23.4%), e Uruguai com dois (27.7%) e três (36.9%) ao redor da bola. Pôde-se concluir como é primordial um sistema organizado, uma equipe coesa e compacta dentro das fases do jogo. Para efeito de treinamento, sugere-se sessões baseadas nas situações fracionadas de jogo.

Palavras-chave: Futebol; Sistema Defensivo; Princípios; Setores.

1-Programa de Pós-Graduação Lato-Sensu da UGF - Futebol e Futsal: As ciências do Esporte e a Metodologia do Treinamento

lucassvillela@gmail.com

ABSTRACT

Efficiency of the System of Defensive Top Four Teams World Cup Football – 2010: Quantification of Athletes in These Sectors of Recovery of Possession of Ball.

The process is fundamentally defensive in football down the spaces with the maximum possible coming athletes the ball, understanding this fact, the study aimed to quantify the number of participating athletes in the industry prior to the tackle and the sector where these trips occurred. Have been studied the principles and concepts of markup, has been adopted to quantify the shares a room with 12 sectors: Defense, Defensive Mid, Intermediate Offensive, Attack (Left, Center, Right). The results pointed to Spain making the trips with at least three athletes (68%) within the sector, while the Netherlands was very close between two rates (29.9%), three (26.7%) and four (27.8%) athletes, Germany recovered 65% of occasions with three or four players in the industry and Uruguay got most of the trip with two actions (33.3%) and three (30.2%) players. In relation to the sector before the tackling, Spain (33.7%) and Germany (37%) had three players with the most action, as the Netherlands and Uruguay held the previous standard, the proximity of Holland with two (29.7%), three (29.7%) and four (23.4%), and Uruguay with two (27.7%) and three (36.9%) around the ball. The conclusion is essential as an organized system, a compact and cohesive team within the phases of the game. For the purpose of training sessions is suggested based on the fractional game situations.

Key Words: Football; Defensive System; Principles; Sectors.

Rua Alagoas 1284 - apto 32
Centro - Londrina - PR
CEP: 860120-430

INTRODUÇÃO

A lógica interna do futebol, do ponto de vista estratégico-tático (Hernandez Moreno, 1998), prevê que os jogadores desempenhem funções distintas na busca de cumprir princípios táticos ofensivos e defensivos, como conservar/recuperar a bola, progredir pelo terreno com a bola /impedir essa progressão, finalizar contra a meta/proteger a meta (Bayer, 1994).

São esses princípios que organizam o jogo, e que intrigam os treinadores mundiais em como montar sua equipe, gerando comportamentos coletivos em busca de melhores resultados numa modalidade de tão elevado nível de preparação e investimento por parte das equipes, clubes e seleções.

A ênfase do trabalho é nas ações defensivas, nos comportamentos demonstrados quando a equipe não está com a posse de bola, a recuperação da posse hoje é um dos principais objetivos de uma equipe durante uma partida, grandes treinadores do futebol mundial possuem várias afirmações sobre esse princípio, Mourinho (2003) diz que sua idéia tática principal passa por ter a noção bem clara que a coisa mais importante no futebol moderno, mais ainda que fazer gols, é ter a posse de bola.

Dentro desse contexto o presente trabalho analisará as ações defensivas das quatro seleções finalistas da última Copa do Mundo FIFA 2010, Espanha, Holanda, Uruguai e Alemanha, três escolas européias e uma sul-americana que apresentam organizações distintas de jogo. Para tal, o objetivo deste é quantificar o número de atletas presentes no setor anterior ao da recuperação da posse de bola e no setor onde ocorreu de fato a recuperação.

Análise de Jogo

A análise de jogo tem sido uma ferramenta muito utilizada para compreender o desempenho técnico-tático e, conseqüentemente, intervir no processo de ensino-treino dos esportes de cooperação-oposição (Garganta (2004) reporta que o conhecimento acerca da proficiência com que os jogadores e as equipes realizam as diferentes tarefas na disputa, tem se revelado fundamental para aferir a congruência da sua prestação em relação aos modelos de jogo e de treino preconizados. Para o autor, a análise

de jogo possibilita (a) configurar modelos de atividade dos jogadores e das equipes, (b) identificar os traços da atividade, (c) promover o desenvolvimento de métodos de treino mais específicos e (d) indicar tendências evolutivas dos diferentes esportes.

As equipas, enquanto sistemas auto-organizados exibem num plano macroscópico, ordem e forma que decorrem do conjunto de interações que se processam entre os jogadores. No decurso do jogo a equipe tem que perturbar ou romper o estado de equilíbrio do adversário, com o intuito global de gerar desordem na sua organização (Garganta, 1997).

Para o adepto de futebol menos atento pode parecer que para se jogar ao mais alto nível o mais importante são as dimensões técnicas ou físicas. No entanto quem se preocupa e estuda este fenômeno não tem dúvidas e, considera que o mais importante é a equipa jogar de determinada forma consoante ao que pretende o seu treinador (Tavares, 2003).

Da mesma forma Ancelotti (2004) destaca a necessidade de uma filosofia e um estilo que deve despontar em todos os momentos da vida da equipe e, sobretudo, em campo, destacando a sintonia de idéias da comissão caracterizando que todos devem trabalhar na mesma direção, com competência e conhecimento do próprio campo (Modelo de Jogo da equipe). Todos têm liberdade operativa desde que aglutinem claramente a filosofia do treinador.

Sistemas Defensivos

Processo defensivo representa uma fase fundamental do jogo e exprime a oposição a uma equipa. É nesta etapa que uma equipa tenta conquistar a posse de bola com o intuito de realizar as ações ofensivas, sem cometer infrações e impedindo que o adversário consiga o gol (Teodorescu, 1984). A melhor forma de defender não é deixar de atacar, e sim jogar bem defensivamente (Laurier, 1989).

O sistema defensivo não possui uma formula correta, cada treinador possui um modo ideal de postar a defesa, como Frade (1990) coloca que antes de mais, pensamos ser lógico ir de encontro ao seu entendimento dentro de cada idéia de jogo que pertence a cada treinador, sem obviamente negligenciar o

jogo de futebol como algo que pré-existe à idéia que dele se tem.

Amieiro (2004) vai mais a fundo e indica como norte do sistema defensivo os princípios estipulados pelo comandante, nos dizendo que muitas das vezes culpam-se os jogadores por adotarem determinados comportamentos em campo. Contudo, talvez nos esqueçamos que esses comportamentos são resultado de uma determinada forma de treinar (onde se adquirem os hábitos) e que vão de encontro ao que os seus treinadores defendem como a base do seu modelo de jogo, isto é, os princípios de jogo que norteiam e sistematizam todo o processo.

Tudo envolve o modelo de jogo a ser adotado, e a maneira como se irá treinar. É coerente o sistema defensivo desenvolver comportamentos táticos, não resultantes do improvisado, mas decorrentes das seqüências táticas exercitadas nas sessões de treino. A repetição sistemática da organização defensiva nos exercícios de treino é fundamental, uma vez que a repetição intencional dos exercícios precede as aprendizagens (Bordieu 1998; Carvalhal, 2001) dos comportamentos que devem despontar em jogo. Ou seja, na prática, o que se pretende é que esses mesmos princípios da organização defensiva sejam compreendidos pelos jogadores e que, em determinado momento, estes os interpretem de forma adequada e respondam coordenadamente as situações (Miranda, 2005).

Princípios Defensivos

O mais importante em uma equipe de futebol é ter um modelo de jogo, um conjunto de princípios que dêem organização à equipa (Mourinho, 2006). Os princípios táticos específicos da fase defensiva auxiliam todos os jogadores, sejam os mais distantes ou os mais diretamente envolvidos no centro de jogo, a coordenarem as suas atitudes e os seus comportamentos tático-técnicos dentro da lógica de movimentações preconizada para o método defensivo da equipe, buscando essencialmente, a execução rápida e efetiva das ações de defesa que levem a consecução dos dois principais objetivos defensivos: defesa da própria baliza e recuperação da posse de bola (Worthington, 1974).

Frade (2004) diz também que o modelo terá que ser operacionalizado através

do treino, através dos princípios, sub-princípios e subsub-princípios subjacentes ao modelo de jogo. No processo terá de existir algo de futuro, que nós pretendemos que venha a acontecer.

É ao treinador que cabe a função de construir um modelo de jogo para a sua equipa, elaborando os princípios, subprincípios e sub-sub-princípios que deseja ver respeitados pela sua equipa a nível ofensivo, defensivo e nas transições entre os dois momentos (Batista, 2006).

Tipos de Marcação

Os tipos de marcação são essenciais, pois é a forma como cada equipa tentará anular a construção das jogadas ofensivas adversárias (Bertei 2009).

A forma como uma equipa marca o adversário, como defende a própria baliza das investidas do mesmo, tem muitas variantes. Como se verificou anteriormente, o modelo de jogo terá forte influência na definição da forma de marcação (Batista, 2006).

Muitas vezes usa-se e abusa-se do termo marcação, mas nunca se procura esclarecer de uma forma objetiva, e pensamos que acima de tudo o entendimento que os treinadores possuem deste conceito difere muito uns dos outros (Miranda, 2005).

Na existência de alguns conceitos, o treinador deve ter em mente a capacidade dos seus jogadores e a forma em que a equipa irá se postar defensivamente. Batista (2006) nos coloca um fator fundamental ao dizer que aqueles que assistem com regularidade a alguns jogos de futebol verificam que a organização defensiva das equipas é deveras diversa. Cada treinador direciona o treino para o desenvolvimento de uma determinada organização defensiva que entende como a mais eficaz para a sua equipa.

Individual

Uma organização defensiva onde cada jogador tem que marcar um único adversário previamente atribuído pelo treinador, por todo o terreno de jogo (Bauer 1994). Para Silva (1978), consiste em um jogador marcar de perto o adversário que lhe compete, qualquer que seja o lugar do campo por onde se movimenta.

O princípio que está inerente à marcação ao homem é também que, durante toda uma situação de defesa, cada jogador

marca um único adversário. Consideram, contudo, duas formas distintas de marcar ao homem: a defesa fixa ao homem e a defesa ao homem orientada à zona. Na primeira situação, cada um dos jogadores marca durante todo o jogo o mesmo adversário. Na segunda situação, cada jogador marca o adversário que mais próximo dele se encontra no momento da perda de bola, no fundo qualquer que seja a situação o defensor deve procurar o adversário pelo qual é responsável logo após a perda da posse de bola.

Existem alguns fatores a serem analisados neste tipo de marcação. Reduz a capacidade de iniciativa ao jogador alvo da marcação induzindo-lhe um desgaste muito intenso (físico, técnico-tático e psicológico); prevalece o 1x1 com elevada responsabilidade individual, onde o sistema defensivo fica comprometido quando uma defesa é ultrapassado; possibilita demasiados movimentos caóticos que impossibilitam uma organização rápida do ataque após a recuperação da posse de bola (Castelo, 1996).

Porem, principalmente em categorias menores da base é muito usado por ser pouco complexo. É um Sistema de defesa em que a técnica defensiva está muito unida a força. É a mais fácil de assimilar por parte dos jogadores. Ao ter o defensor um objetivo claro, marcar a seu par, lhe permite uma maior concentração e atenção (Fraile Sánchez 2006).

Zona

A marcação em zona consiste no jogador se situar numa certa zona do campo, na sua área de atuação, e aí esperar pelo adversário, para impedi-lo de tocar a bola (Silva 1978).

Pérez Garcia (2002) deixa bem claro a diferente entre a marcação por zona e a individual, ao colocar não perspectiva a defesa à zona com defesa individual direta, mas com marcação de zonas específicas, isto é, com ocupação de diferentes espaços por parte dos defesas.

Accame (1995) descreve como o situar e manter um bloco defensivo entre a bola e a baliza. Para o autor, cada jogador é responsável por uma zona onde intervém a partir do momento em que a bola aí entra, sem preocupações com as posições dos adversários.

Enquanto Pacheco (2001) refere-se à defesa à zona como uma marcação individual

zonal na qual cada defensor, responsável por uma determinada zona do campo, defende o adversário que aí surge. Trata-se de uma perspectiva desatualizada e limitada, já que vê o jogador que entra em determinado espaço como referência da defesa à zona e não considera que, para reduzir os espaços, deve ter como referência a posição da bola, dos companheiros e dos adversários.

Sendo o conceito de zona inalterável, foram o ritmo, a localização e a sua intenção que se modificaram ao longo do tempo. A zona passiva, de recuo e espera, foi dando lugar à zona agressiva (Valdano, 2002).

Com a evolução para um sistema defensivo à zona mais agressivo, em *pressing*, este pode ser considerado, segundo um ponto de vista de sistema dinâmico, como o elemento perturbador. No sentido prático, a *Zona pressing* (como sistema dinâmico auto-organizado) pode ser considerada a variável (a alteração de um elemento do contexto) comprometedora da organização equilibrada do ataque adversário (este também um sistema dinâmico auto-organizado) no sentido de proporcionar uma maior frequência de finalizações (Miranda, 2005).

Zona Pressionante

O conceito de zona pressionante não diverge do de defesa à zona (embora não sejam propriamente a mesma coisa), pois o cerne fundamental compromete-se com a ocupação racional, ou seja, escondendo os espaços de jogo de maior valor do adversário (Ramos, 2005).

Para Garganta (1997) o *pressing* implica uma oposição ativa, a procura ativa e rápida da posse de bola em todo o terreno de jogo, criando superioridade numérica na zona junto do portador da bola.

A defesa *zona pressing* é a ação de marcação coletiva de toda a equipe em torno do portador da bola, marcada pelo aumento da intensidade defensiva, pela redução do tempo e do espaço ao adversário, objetivando a rápida recuperação da posse de bola (Romero, 2004).

O *pressing* é uma ação tática defensiva e coletiva, que se realiza uma vez perdida a posse da bola sobre o homem da posse, com a finalidade de não deixar nenhuma liberdade de ação e por tanto, tratar de romper a zona de interesse do jogo

ofensivo da equipe adversária (Fraile Sánchez 2006).

Bonizzoni (1988) refere-se ao *pressing* como uma ação defensiva e coletiva de opressão em que os jogadores da equipe que a realizam oportunam sem cessar, os jogadores adversários, em particular o portador da bola. Limitam-lhe o espaço de ação e o tempo de reação, impedem-no de atuar com tranquilidade e tentam recuperar a posse de bola ou, caso não seja possível, evitar a progressão da equipa adversária.

Essa maneira de atuar apresenta uma maior adaptabilidade aos problemas que o próprio jogo coloca sobre a defesa. Isto porque, coloca como referencial coletivo a bola (e mais concretamente as ações desenvolvidas *à posteriori* pelo jogador com bola), permitindo assim uma "elasticidade" de ações em função de um pensamento coletivo, e só assim é possível agir com maior eficiência à tentativa de encurtar (em profundidade - longitudinalmente-) e estreitar (em largura-transversalmente-) o espaço de jogo (Ramos, 2005).

Os jogadores preferem defender pressionando na primeira fase da construção do adversário, pressionando alto em 10 ou 15 metros, do que juntarem as linhas atrás do meio campo e fazerem investidas de 30 a 40 metros para frente e para trás, em situação defensiva e ofensiva. Vai mais longe, ainda, referindo inclusive tarefas/princípios a respeitar pela sua equipa. Assim, em transição ataque-defesa, o primeiro princípio passa pela pressão que os três jogadores mais próximos da bola devem exercer imediatamente. Dessa forma, reduz-se o espaço e pressiona-se o portador da bola, permitindo que a equipe se reagrupe, com linhas próximas e, se possível, com a linha defensiva no meio campo adversário (Mourinho, 1999).

Ramos (2005) deixa claro, a importância deste tipo de marcação ao relatar que se bem repararmos, as equipes de top, que apenas são as que lutam por todos os títulos de todas as competições em que estão inscritas, todas elas defendem zonalmente (Zona da bola na literatura Portuguesa). Temos como exemplo de equipes: AC Milan, Juventus, Bayern, Chelsea, Manchester, Liverpool, Real Madrid, Barcelona, Arsenal entre outras.

Mombaerts (1991) refere que a importância da recuperação da posse de bola em zonas

avanzadas do campo, se trata da evolução mais importante que marcou o jogo. O autor defende a pressão sobre o portador da bola, em simultâneo com as coberturas mútuas, são as chaves desta defesa ativa.

Para Michels (1981), após a perda da posse de bola, cada jogador deveria rapidamente aproximar-se do adversário que de momento estivesse mais próximo de si para o marcar (pressionar). Esta pressão deveria ser efetuada a cada um dos adversários, assim que a bola fosse dirigida para um deles, um jogador seu pudesse interceptar a bola e, de imediato, reiniciar as ações ofensivas. Um dos primeiros mandamentos do Futebol deveria fundamentar que a pressão se realiza sobre a bola e não sobre o jogador (Cruyff 2002).

Mista

Mescla entre a defesa individual e à zona; cada jogador é responsável por determinada zona do terreno de jogo intervindo sobre o possuidor da bola quando nessa zona (defesa individual), colocando-se os demais companheiros em função da ação deste companheiro (Castelo, 1996).

A marcação mista, que é a união da individual e da marcação por zona. Consiste na marcação de um homem individualmente, enquanto o resto da equipe marca por zona (Lopes, 2004).

Recuperação da Posse de Bola

Garganta (1997) descreve que as equipes devem procurar recuperar a posse de bola de forma dinâmica no sentido de garantir a continuidade do jogo. Concomitantemente, com fluidez na transição, consegue-se criar desequilíbrios e surpreender o adversário na sua organização defensiva. A recuperação da posse de bola resulta de um conjunto de ações técnico-táticas defensivas que visam retirar a posse de bola ao adversário e pode acontecer através da interceptação e desarme (Miranda, 2005).

Só roubo a bola quando a tiro ao adversário e ponho ao serviço da minha equipe, e isto faz-se desde todos os lugares do campo. A tentativa de recuperar a bola é muito mais do que meramente defender, é recuperar para ter a bola. Os números geralmente dizem: "roubou quarenta bolas", é mentira e portanto falso, porque das bolas que roubou à equipa adversária e pôs ao serviço

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

da sua equipe podem ser cinco, as restantes foram meras interrupções de jogo, como bolas fora, faltas e devoluções ao adversário (Menotti, 2004).

Minha idéia tática principal passa por ter a noção bem clara que a coisa mais importante no futebol moderno, mais ainda que fazer gols, é ter a posse de bola (Mourinho, 2003).

O estudo teve como objetivo quantificar o número de atletas presentes no setor anterior ao da recuperação da bola e no setor onde ocorreu a recuperação

MATERIAIS E MÉTODOS

Os dados do presente estudo foram compostos pela análise dos vídeos dos jogos, a partir da fase Oitavas de Finais da Copa do Mundo de Futebol, das quatro Seleções melhores qualificadas no torneio; Espanha, Holanda, Alemanha e Uruguai. Os jogos foram Uruguai x Coréia do sul; Holanda x Eslováquia; Alemanha x Inglaterra; Espanha x Portugal; Uruguai x Gana; Holanda x Brasil; Alemanha x Argentina; Espanha x Paraguai; Uruguai x Holanda; Espanha x Alemanha;

Uruguai x Alemanha e Espanha x Holanda. Estes vídeos foram obtidos por meio da gravação analógica do canal aberto da TV Globo e canal fechado Sportv e Espn posteriormente convertidas em arquivo digital para serem melhor analisados no computador por meio do Windows Media Player.

Foram Quantificados no presente estudo as recuperações de posse de bola realizadas pelas Seleções em todas estas partidas, posteriormente seguido de quantos atletas estavam presentes no setor anterior ao da recuperação da posse de bola e no setor onde se efetivou a recuperação. Em relação aos setores foi adotado um sistema de coordenadas de posicionamento, com marcações do campo, para facilitar a visualização e a apresentação dos dados coletados. Esse sistema de coordenadas (campograma adaptado de Garganta 1997) correspondente à divisão topográfica do terreno em doze zonas, a partir da justaposição de quatro setores transversais e três corredores longitudinais é apresentado graficamente na Figura 1.

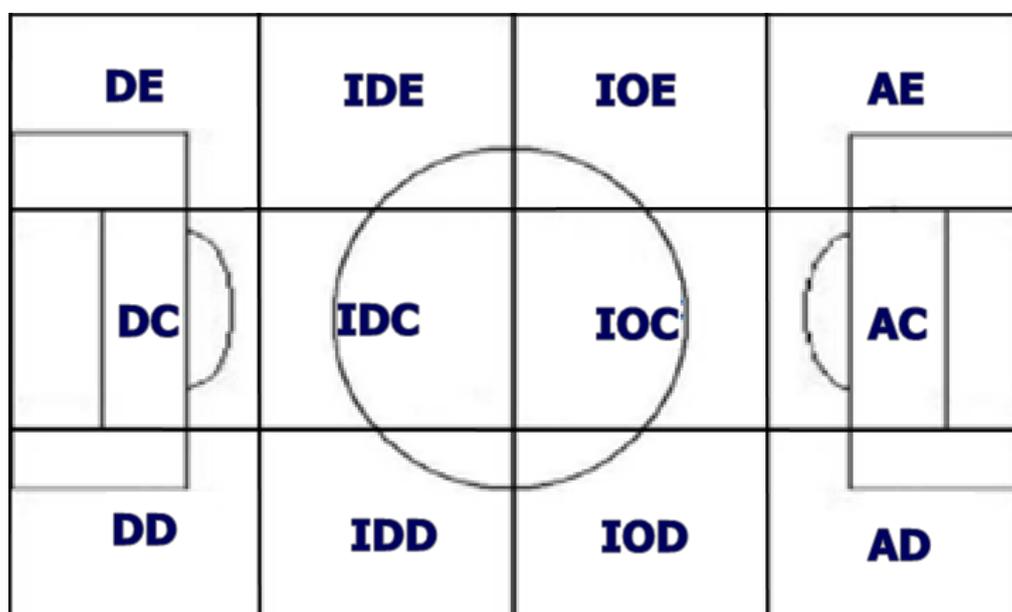


Figura 1 - Campograma com 12 setores

Legenda: **DE** - Defesa Esquerda; **DC** - Defesa Centro; **DD** - Defesa Direita; **IDE** - Intermediária Defensiva Esquerda; **IDC** - Intermediária Defensiva Centro; **IDD** Intermediária Defensiva Direita; **IOE** - Intermediária Ofensiva Esquerda; **IOC** - Intermediária Ofensiva Centro; **IOD** Intermediária Ofensiva Direita; **AE** - Ataque Esquerda; **AC** - Ataque Centro; **AD** - Ataque Direita.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

As ações inerentes a esse estudo foram analisadas através da estatística descritiva, apresentando os valores percentuais das ações (atletas na zona anterior ao desarme e na zona do desarme).

RESULTADOS

Pode se observar nos resultados referente á quantidade de atletas no setor de recuperação da posse de bola, a campeã mundial Espanha obtendo a

recuperação da posse de bola em setores com a presença de pelo menos três atletas. Demonstrando uma compactação dentro dos setores fundamental na referência do seu modelo de jogo, se somarmos as situações com pelo menos três homens (38.7%), quatro homens (21%) e mais de quatro homens (8.2%), resultando em um índice de aproximadamente 68% destas ações acontecendo com número significativo de atletas presentes ao entorno da bola.

Quadro 1 - Quantidade de atletas presentes no setor de recuperação da posse de bola na Seleção da Espanha

Local	1 Jogador	2 Jogadores	3 Jogadores	4 Jogadores	+ 4 Jogadores	Total
Defesa Esquerda	2					2
Defesa Centro		3				3
Defesa Direita	1	1				2
Intermediária Defensiva Esquerda	4	11	11	4	1	31
Intermediária Defensiva Centro	4	4	11	4	1	24
Intermediária Defensiva Direita		6	8	6		20
Intermediária Ofensiva Esquerda	1	13	20	8	3	45
Intermediária Ofensiva Centro		8	23	17	4	52
Intermediária Ofensiva Direita	3	6	19	7	3	38
Ataque Direita		8	7	3		18
Ataque Centro	1	4	1	6	10	22
Ataque Esquerda	4	1	3	1		9
Total	20	65	103	56	22	266
%	7.5%	24.5%	38.7%	21%	8.2%	100%

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

As dobras de marcação também resultaram em um bom índice, sendo dois atletas no setor com 24.5%. Comprovadamente a campeã mundial possui enraizado o conceito de pressão sobre a bola, buscando o mais rápido possível trazer o desconforto para o adversário.

O ex-treinador da Seleção da Espanha, Cabezón e Fernandez (1996) vê o

adversário sem bola como secundário já que, se pressionando quem a tem, os companheiros desse ficarão em fora de jogo, sem ação possível.

Em relação aos atletas no setor anterior da recuperação da posse, o quadro 2 nos mostra a Espanha que continua com os três atletas com maior índice (33.7%).

Quadro 2 - Quantidade de atletas presentes no setor anterior ao da recuperação da posse de bola na Seleção da Espanha

Local	1 Jogador	2 Jogadores	3 Jogadores	4 Jogadores	+ 4 Jogadores	Total
Defesa Esquerda	5					5
Defesa Centro	12	5	1			18
Defesa Direita	7	3	1			11
Intermediária Defensiva Esquerda	2	4	8	4		18
Intermediária Defensiva Centro	2	4	6	1		13
Intermediária Defensiva Direita		5	10	2		17
Intermediária Ofensiva Esquerda			3	3		6
Intermediária Ofensiva Centro		1	2	3		6
Intermediária Ofensiva Direita		1	3	3	1	8
Ataque Direita			1			1
Ataque Centro					1	1
Ataque Esquerda						
Total	28	23	35	16	2	104
%	26.9%	22.1%	33.7%	15.4%	1.9%	100%

Sendo desta vez entorno de ações divididas entre um (26.9%) e dois atletas (22.1%) com relação a três (33.7%), quatro (15.4%), e mais de quatro (1.9%), ambos aproximados dos 50% dos níveis de ações. Indicando que conforme o adversário a

Seleção consegue se moldar para que não se perca a sua forma organizacional. A pressão a bola existe seja com um ou cinco atletas.

Em Espanha pensa-se mais o jogo. Também perante esta pressão de realizar as coisas a grande velocidade, Cappa (2004)

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

menciona que o primeiro conceito básico que se está abandonando em futebol, pelas pressas com que vivemos e a pressas com que jogamos, é o engano. E para enganar é preciso pensar o jogo, e não somente realizar as situações de jogo em piloto automático.

O quadro 3, podemos constatar uma Seleção da Holanda onde aconteceram números muito próximos de desarmes com dois (29.9%), três (26.7%) e quatro (27.8%) atletas por setor de recuperação.

Quadro 3 - Quantidade de atletas presentes no setor de recuperação da posse de bola na Seleção da Holanda

Local	1 Jogador	2 Jogadores	3 Jogadores	4 Jogadores	+ 4 Jogadores	Total
Defesa Esquerda		1				1
Defesa Centro						0
Defesa Direita	1					1
Intermediária Defensiva Esquerda	6	2	10	4		22
Intermediária Defensiva Centro		6	4			10
Intermediária Defensiva Direita	2	4	5	3	1	15
Intermediária Ofensiva Esquerda	4	7	8	8		27
Intermediária Ofensiva Centro		24	23	26		73
Intermediária Ofensiva Direita	2	4	6	10	6	28
Ataque Direita	4	13	3			20
Ataque Centro	2	7	3	20	8	40
Ataque Esquerda	4	8	6			18
Defesa Esquerda	25	76	68	71	15	255
%	9.8%	29.9%	26.7%	27.8%	5.8%	100%

A Vice Campeã Mundial mostrou uma organização com uma zona pressionante eficiente durante toda a competição, com no mínimo dois atletas pressionando a partir da linha defensiva próxima ao meio campo.

A Holanda fez bem o que Frade (2004) nos coloca como importante que é provocar na equipa, e não nos jogadores (de uma forma individual), uma determinada alteração ou

transformação que implica uma organização coletiva desses jogadores. Uma organização que promova uma forma de jogar em termos defensivos e ofensivos. Esta deverá ser a grande preocupação, ter uma equipa a jogar de determinada maneira, onde o padrão, o núcleo duro, as preocupações centrais são sempre jogar.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Um ponto interessante a notar é a eficiência da pressão Holandesa, sendo que em relação a Espanha o número de recuperação da bola foi maior, obtendo assim

um número bem inferior em ações antecedentes ao desarme (64 da Holanda; 104 Espanha) como demonstra o quadro 4.

Quadro 4 - Quantidade de atletas presentes no setor anterior ao da recuperação da posse de bola na Seleção da Holanda

Local	1 Jogador	2 Jogadores	3 Jogadores	4 Jogadores	+ 4 Jogadores	Total
Defesa Esquerda						
Defesa Centro	6					6
Defesa Direita						
Intermediária Defensiva Esquerda	2	3	6			11
Intermediária Defensiva Centro		7	2			9
Intermediária Defensiva Direita	1	4	2	2		9
Intermediária Ofensiva Esquerda		2	1	3		6
Intermediária Ofensiva Centro		1	4	3		8
Intermediária Ofensiva Direita				2		2
Ataque Direita	2		1			3
Ataque Centro			3	5		8
Ataque Esquerda		2				2
Total	11	19	19	15	0	64
%	17.2%	29.7%	29.7%	23.4%	0.0%	100%

A Holanda manteve os números significativos entre dois (29.7%), três (29.7%) e quatro (23.4%) atletas nos setores anteriores ao da recuperação da bola, demonstrando o padrão de organização da pressão efetiva ao setor realizada durante todo o Mundial.

As duas primeiras colocadas na Copa do Mundo demonstraram a eficiência da recuperação da bola na busca de ter um número maior de atletas nos setores onde está a bola. O estudo de Miranda (2005) em jogos

da Copa da Uefa e Liga dos Campeões reforça isso ao relatar que na amostra total de 578 recuperações da bola verificou-se que, em 437 delas existe superioridade numérica de jogadores defensivos na zona da bola. Percentualmente, 75,6% das recuperações da bola por parte da equipa em fase defensiva acontecem pela superioridade numérica defensiva na zona da bola. O quadro 5 mostra a Alemanha com um padrão de ação nas zonas pressionantes um pouco diferenciado

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

em relação Espanha e Holanda. A recuperação com três (35.3%) e quatro (30.3%) atletas no setor de recuperação da bola acontecem em mais de 65% das

ocasiões, deixando claro, a ênfase da marcação na hora da pressão com esta determinada quantidade de atletas na zona da bola.

Quadro 5 - Quantidade de atletas presentes no setor de recuperação da posse de bola na Seleção da Alemanha

Local	1 Jogador	2 Jogadores	3 Jogadores	4 Jogadores	+ 4 Jogadores	Total
Defesa Esquerda		2				2
Defesa Centro						0
Defesa Direita			1			1
Intermediária Defensiva Esquerda			4	4		8
Intermediária Defensiva Centro		3	6	8		17
Intermediária Defensiva Direita		4	4	6		14
Intermediária Ofensiva Esquerda		18	16	7		41
Intermediária Ofensiva Centro	2	8	31	14	3	58
Intermediária Ofensiva Direita	1	3	15	10	2	31
Ataque Direita	8	6	1	3		18
Ataque Centro		5	8	17	9	39
Ataque Esquerda	6	5	4	7		22
Total	17	54	90	76	14	251
%	6.8%	21.5%	35.9%	30.3%	5.5%	100%

Não há apenas uma forma de jogar e de treinar futebol. Treinar implica transformar comportamentos, e sobretudo atitudes, optando por um modelo, entre outros possíveis (Garganta, 2004).

Como cada equipe trabalha encima dos seus princípios norteados pelo Modelo de jogo, o quadro 6 mostra uma relação interessante entre as duas primeiras colocadas.

A primeira é quantidade de atletas na zona anterior com maior significância, tendo um número muito próximo da Seleção da Espanha a seleção Alemã teve três atletas neste setor em 37% das ocasiões. Entretanto, pode se observar que ocorreu um número baixo de ações anteriores (62), parecido com a seleção Holandesa, oposto da Espanha.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Quadro 6 - Quantidade de atletas presentes no setor anterior da recuperação da posse de bola na Seleção da Alemanha

Local	1 Jogador	2 Jogadores	3 Jogadores	4 Jogadores	+ 4 Jogadores	Total
Defesa Esquerda	2	1				3
Defesa Centro	3					3
Defesa Direita						0
Intermediária Defensiva Esquerda			4	1		5
Intermediária Defensiva Centro	1	2				3
Intermediária Defensiva Direita	7	6	4			17
Intermediária Ofensiva Esquerda		4	3	1		8
Intermediária Ofensiva Centro			2	2		4
Intermediária Ofensiva Direita		1	5	3		9
Ataque Direita						0
Ataque Centro			2	5		7
Ataque Esquerda			3			3
Total	13	14	23	12	0	62
%	21.0%	22.6%	37.0%	19.4%	0.0%	100%

Sendo assim, fica claro que cada Seleção tem seu próprio padrão, princípios, sub-princípios, subsub-princípios em modelo de jogo. Em relação à zona pressionante esta pode ser aplicada em qualquer zona do terreno, isto é, pode ser aplicada no terço ofensivo como no terço defensivo (da equipa que defende), o importante é haver uma intensidade forte da procura da conquista da posse de bola, tem de haver uma agressividade permanente na forma como se conquistam os espaços e o portador da bola (Batista, 2006).

Comprovando isso, a Seleção do Uruguai, quarta colocada na Copa do Mundo, se mostrou eficiente com outro padrão estabelecido. Ao contrário do ataque a bola da Espanha, ou zonas pressionantes próximas a linha de meio campo de Holanda e Alemanha, o Uruguai recuava suas linhas na intermediária defensiva, e atacava as zonas a frente de forma muito bem organizada, trazendo um número grande de recuperação da bola, sendo presentes dois (33.3%) e três (30.2%) atletas como maioria nas ações efetuadas com sucesso nos setores (quadro 7).

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Quadro 7 - Quantidade de atletas presentes no setor de recuperação da posse de bola na Seleção do Uruguai

Local	1 Jogador	2 Jogadores	3 Jogadores	4 Jogadores	+ 4 Jogadores	Total
Defesa Esquerda	1					1
Defesa Centro						0
Defesa Direita	1					1
Intermediária Defensiva Esquerda	5	1	8	3		17
Intermediária Defensiva Centro	5	8	10	4		27
Intermediária Defensiva Direita	4	8	4	2		18
Intermediária Ofensiva Esquerda	5	11	11	4	2	33
Intermediária Ofensiva Centro	5	22	20	4		51
Intermediária Ofensiva Direita	5	8	6	9		28
Ataque Direita	4	11	4	5		24
Ataque Centro	1	5	6	10	8	30
Ataque Esquerda	1	9	6	2	1	19
Total	37	83	75	43	11	249
%	14.8%	33.3%	30.2%	17.2%	4.5%	100%

O Uruguai, como melhor Seleção Sul-americana da competição se mostrou fiel a sua maneira de atuar, de forma extremamente organizada e padronizada, resultantes das ações coesas de marcação e retomada de posse de bola.

Temos assim Mourinho citado por Amieiro (2004), enaltece que para ele o mais importante em uma equipe é ter um determinado modelo de jogo, um conjunto de princípios de jogo, conhecê-los bem, interpretá-los bem, independentemente de ser utilizado este ou aquele jogador. Nós analisamos o adversário, procuramos prever

como se pode comportar contra nós e procuramos posicionar-nos em algumas zonas mais importantes do campo em função dos seus pontos fortes e fracos. Mas isto são detalhes posicionais. Não mexem com os nossos princípios, nem sequer com o nosso sistema. Acreditamos que o mais importante somos nós, a forma como jogamos e automatizamos o nosso modelo.

No quadro 8, podemos perceber que o Uruguai teve um número considerável como a Seleção Espanhola em relação a quantidade de ações anteriores a recuperação da posse.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Quadro 8 - Quantidade de atletas presentes no setor anterior da recuperação da posse de bola na Seleção da Uruguai

Local	1 Jogador	2 Jogadores	3 Jogadores	4 Jogadores	+ 4 Jogadores	Total
Defesa Esquerda	1	1				2
Defesa Centro	8					8
Defesa Direita	3	1				4
Intermediária Defensiva Esquerda		2	4	1	1	8
Intermediária Defensiva Centro	1	3	2			6
Intermediária Defensiva Direita	1	3	5	2		11
Intermediária Ofensiva Esquerda		6	5	2		13
Intermediária Ofensiva Centro		5	8	4		17
Intermediária Ofensiva Direita		5	7	3		15
Ataque Direita	1	3				4
Ataque Centro		1	7	6	8	22
Ataque Esquerda		3	6			9
Total	15	33	44	18	9	119
%	12.6%	27.7%	36.9%	15.1%	7.5%	100%

Mantendo o mesmo padrão das zonas em que houve a recuperação de bola, nas zonas anteriores prevaleceu os dois (27.7%) e três (36.9%) atletas, indicando novamente uma seleção com constância no sistema defensivo.

CONCLUSÃO

As quatro primeiras seleções no mundial demonstraram equipes compactas, com os atletas entendendo a forma organizacional das fases do jogo estipuladas pelos seus treinadores, tendo o setor da bola como referência, sendo está aplicação tática determinante no sucesso defensivo. Nos

indicando, como Mourinho (2003) que em futebol de alto nível, eu diria que homem a homem não existe, zonal existe mas não me convence e zona pressionante é o futebol de hoje e o futebol de amanhã.

Fica evidente a importância do estudo das situações reais de jogo. Retirar e usar estes fragmentos são fundamentais dentro do processo de quem estuda e trabalha dentro do futebol. O modelo de jogo, estipulado pelo treinador junto da comissão devem prevalecer sempre, dando ênfase aos princípios que norteiam o jogo. Deste modo, estudos nesta área são necessários para o entendimento de coordenadores, treinadores, preparadores

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

físicos, professores, que os acontecimentos do jogo devem nortear o trabalho diário.

REFERÊNCIAS

- 1- Accame, F. Fútbol en zona. Gymnos Editorial. Madrid. 1995.
- 2- Ancelotti, C. Entrevista ao Jornal AS. 2 de Novembro de 2004. 2004.
- 3- Amieiro, N. «Defesa à zona» no futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebantável» que o «jogar» deve manifestar. Licenciatura. FCDEF-UP. 2004.
- 4- Batista, P. Organização defensiva: Congruência entre os princípios, sub-princípios e sub-sub-princípios de jogo definidos pelo treinador e a sua operacionalização. Um estudo de caso realizado no Sporting Clube de Espinho. Licenciatura Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2006.
- 5- Bauer, G. Fútbol. Entrenamiento de la técnica, la táctica y la condición física. Editorial Hispano Europea. Barcelona. 1994.
- 6- Bayer, C. O ensino dos desportos colectivos. Lisboa: Dinalivros, 1994.
- 7- Bertei, R.R. Organização no futebol: sistemas e tipos de marcação no processo de formação de jogadores. Monografia de Licenciatura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.
- 8- Bonizzoni, L. Pressing' Story. Società Stampa Sportiva. Roma. 1988.
- 9- Cabezón, J.M.; Fernández, J. La mappa del gol. Noticiário Settore Técnico – FIGC. 4. p.16-21. 1996.
- 10- Cappa, A. El chique de espacios y otros fundamentos tácticos del fútbol moderno. Revista Técnica Profesional - Training Futbol. Valladolid. Núm. 98. p.23-27. 2004.
- 11- Castelo, J. Futebol: A organização do jogo. Edição do autor. 1996.
- 12- Carvalho, C. No treino de Futebol de rendimento superior. A recuperação é... muitíssimo mais que "recuperar". Liminho, Industrias Gráficas. Braga. 2001.
- 13- Cruyff, J. Me gusta el fútbol. RBA Libros. Barcelona. 2002.
- 14- Frade, V. A interação, invariante estrutural da estrutura do rendimento do futebol, como objecto de conhecimento científico – Uma proposta de explicitação de causalidade. Projecto para a prestação de provas de doutoramento. FCDEF-UP. 1990.
- 15- Fraile Sánchez, A.; Agudo Frisa, F. Acciones tácticas del fútbol y su entrenamiento. Zaragoza. Kronos. 2006.
- 16- Frade, V. Entrevista a Leal (2004): In Rendimento no Futebol - diferentes entendimentos, diferentes orientações metodológicas. Licenciatura. FCDEF-UP. 2004.
- 17- Garganta, J. M. Modelação táctica do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997. Tese Doutorado Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto. Porto. 1997.
- 18- Garganta, J. Atrás do palco, nas oficinas do futebol. In Garganta, J.; Oliveira, J.; Murad, M. (Eds). Futebol de muitas cores e sabores - reflexões em torno do desporto mais popular do mundo. p.227-232. 2004.
- 19- Hernandez Moreno, J. Análisis de las estructuras del juego deportivo. 2ª edição. Barcelona. Inde Publicaciones. 1998.
- 20- Laurier, A. Football – Culture Tactique et principes de jeu. Chiron Sports. Paris. 1989.
- 21- Lopes, A.A.S.M. Futsal: metodologia e didáctica na aprendizagem. São Paulo. Phorte. 2004.
- 22- Menotti, C.L. Entrevista a Jesus Cuadrado Pino. In: Nuestra entrevista delmês: entrevista de metodologia y táctica. Revista Técnica Profesional - Training Futbol. Núm. 99. p.8-17. Valladolid. 2004.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

23- Michels, R. Le «pressing» en football. In Football, entraînement à l' européenne, Vigot Editions. Paris. 1981.

24- Miranda, C. Defesa "zona pressing" enquanto sistema defensivo precursor do aumento das finalizações: estudo de jogos das finais da Taça UEFA e Liga dos Campeões, 2005. Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto. Porto.

25- Mombaerts, E. (1991). Football – De l'analyse du jeu à la formation du joueur. Éditions Actio. Joinville-le-Pont.

26- Mourinho, J.. Entrevista a Rui Faria in "Periodização Tática". Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol. Licenciatura. Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto. 1999.

27- Mourinho, J. Entrevista a Nuno Amieiro in «DEFESA À ZONA» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar. Licenciatura. Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto. 2003.

28- Mourinho, J. Entrevista a Ricardo Barreto in O problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior em Futebol. Licenciatura. Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto. 2003.

29- Mourinho, J. In Jornal Record. 18 de Fevereiro. p.24-25. 2006.

30- Pacheco, R. O Ensino do Futebol. Futebol de 7 – Um Jogo de Iniciação ao Futebol de 11. Edição do autor. 2001.

31- Perez Garcia, J. Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in nuestra entrevista del mês: entrevista de tática. Revista Técnica Profesional - Training Fútbol. Núm.76. p.8-15. Valladolid. 2002.

32- Ramos, A. Uma "(des) baromatriz (ação)" conceptocomportamental da(s) zona(s) pressing. Um "olhar" sobre o(s) sucesso(s) persistente(s) de dois treinadores de «top»: José Mourinho (FC Porto - Chelsea FC) e Carlo Ancelotti (AC Milan). Licenciatura. FADEUP. 2005.

33- Romero, D. Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in nuestra entrevista del mês: entrevista de tática. El pressing de ataque para el sistema de juego 1-4-2-3-1. Revista Técnica Profesional - Training Fútbol Núm 99. p.18-10. Valladolid. 2004.

34- Silva, R. G. O futebol é para todos. 3ª edição. Lisboa. 1978.

35- Tavares, J. Uma noção fundamental: a especificidade. O como investigar a ordem das "coisas" do jogar, uma espécie de invarâncias de tipo fractal. Licenciatura. FCDEF-UP. 2003.

36- Teodorescu, L. Problemas da Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos. Livros Horizonte. Lisboa. 1984.

37- Valdano, J. El miedo escénico y otras hierbas. Aguilar. Madrid. 2002.

38- Worthington, E. Learning & teaching soccer skills. Califórnia: Hal Leighton Printing Company. 1974.

Recebido 17/09/2011

Aceito 18/09/2011